

Editorial

Caros leitores

Temos a satisfação de apresentar mais um número da revista *Psicanálise*, o volume 24, número 1 de 2022, que inaugura a tarefa da atual comissão editorial. A qualidade do trabalho que vem sendo desenvolvido desde a criação da revista pelos editores e comissões que nos precederam é largamente evidenciada pela riqueza dos artigos já publicados, o que certamente tem contribuído e enriquecido a *Psicanálise*. Assumir a editoria da revista *Psicanálise* é uma honra e, ao mesmo tempo, uma grande responsabilidade, trilhando o compromisso de estimular a escrita e propagar o pensamento psicanalítico, especialmente em tempos difíceis como os que vivemos. Agradecemos a confiança de nossa diretoria, presidida pela colega Astrid Ribeiro.

Nossa revista apresenta-se em sintonia com a pujança e o crescimento da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e tem o propósito de divulgar trabalhos da psicanálise e suas interfaces em nível nacional e internacional. Seu eixo editorial procura traduzir as questões que vibram em nossa comunidade.

Esta edição tem como linha temática *O Nascimento do Eu*, mesmo tema da Jornada Anual da Brasileira de 2021, que foi organizada e muito bem conduzida pela diretoria anterior, presidida por Ane Marlise Port Rodrigues, com Christiane Paixão na Diretoria Científica. Dessa forma, representa um elo, uma marca de continuidade, bem como também das diferenças e mudanças que fazem parte da diversidade que nos caracteriza e enriquece.

Vários autores de renome nos trazem suas contribuições sobre esse assunto vibrante, que certamente seguirá repercutindo, gerando reflexões e debates. Nas patologias do narcisismo e da identidade, é fundamental a escuta das formas primárias de simbolização. As questões ligadas ao Nascimento do Eu são discutidas desde o texto freudiano de 1914, *Introdução ao Narcisismo*, mas seguem despertando o interesse de vários autores, como o foram na Jornada. A reatualização de experiências arcaicas traumáticas, as transformações e as

simbolizações são amplamente abordadas nas conferências de René Roussillon, Anne Brun e Marion Minerbo.

Optamos por publicar as conferências realizadas durante a jornada, bem como os comentários destinados a elas, no seu formato original, por acreditar que assim se mantêm a beleza e a qualidade do material apresentado.

Temos a satisfação de contar com os artigos mencionados a seguir.

Em *O trabalho de atravessar juntos: como nasce um bebê?*, as autoras Aline Santos e Silva, Giuliana Chiapin, Juliana Corte Vitória e Siana Pessin apresentam uma sensível compreensão da escuta do mais primitivo no paciente. Destacam a presença do psicanalista que atravessa junto com o paciente o processo analítico.

A lógica da esperança — Nascemos novos sujeitos a cada encontro, trabalho elaborado por Ana Rosa Chait Trachtenberg, enfatiza a compreensão do vínculo como uma trama vincular, entre dois, a partir da qual ambos produzem novas subjetividades.

Na conferência chamada *A emergência do Eu e os processos de simbolização*, Anne Brun ressalta a importância dos processos de simbolização para o surgimento do Eu-sujeito, com origem num período arcaico de simbolização sensorio-motora. Essas formas primárias de simbolização podem emergir em qualquer tempo da vida psíquica do sujeito, ou mesmo em qualquer encontro clínico. A ideia fundamental do trabalho é de destacar diferentes formas de retraimento da subjetividade que se evidenciam no processo analítico e requerem uma escuta da sensorio-motricidade em sessão, para que o paciente possa se livrar da sombra do objeto que recai sobre seu corpo, indissociável de sua vida psíquica. Um recorte clínico de uma criança autista e o trajeto de um trabalho para transformar a destrutividade em um destruído/encontrado ilustram suas ideias. Seguindo Roussillon, bem como Winnicott, Anne descreve o objeto que sobrevive à destrutividade e deixa de ser onipotente, descobrindo o “outro sujeito” e assim, concomitantemente, descobre-se como sujeito.

Celso Gutfreind faz uma apresentação de Anne Brun construindo uma narrativa criativa de como suas vidas se cruzaram através do amor à psicanálise e do amor a um psicanalista e amigo em comum, Victor Guerra. Quando encontros começam assim, são repletos de potencial fertilizante. Celso traz revelações de suas vivências com Victor Guerra, o fascínio pela França, comum aos dois, e as experiências vividas por ambos, mesmo que em momentos diferentes. Então, Victor, amigo, colega e irmão de alma se transforma em ponte que aproxima Celso de Anne Brun, mais uma fonte de líquidos de saber sobre o corpo e o psiquismo, nadando em águas onde vive a professora polva, molusco-mãe que faz aprender o que ainda estava por nascer.

Em *Ferida aberta: descolonizando o Eu*, de Augusta Gerchmann e Luciano Dias, os leitores encontrarão não só um texto bem elaborado, mas também um convite a um movimento importante: “mexer na ferida”. A ferida do Eu, de cada um e de todos, colonizado. O próprio texto parte da proposição de “movimento” com a ideia de balança, oscilante entre um Eu colonizado (distorcido, mutilado em seu Ser) e um descolonizado, ou, quem sabe, um Eu colonizado com potencialidade para se descolonizar. Os autores, cuidadosos com conceitos, são cuidadosos também com os leitores, escrevendo de forma simples e paciente, como quem deseja acompanhar o leitor em sua balança, entre “o eu enquistado/alienado e o eu sujeito”, entre o aceitar e o rejeitar o texto, entre “sentir as dores das feridas” e continuar. Aulagnier, Freud, Neusa Santos Souza são “terceiros” que podem favorecer um ambiente para lançar os leitores num universo mais amplo, para além da subjetividade vinculada ao projeto civilizatório europeu, ou a “lógica do poder colonial”, ao expor e convidar ao reconhecimento das feridas narcísicas, e ao conhecimento da racialização do discurso psicanalítico. Assim, nessa proposta dinâmica, em movimento, o artigo oferece uma vigorosa problematização sobre a colonização do Eu e da psicanálise, um meio para ir do texto ao Eu, do Eu ao mundo/outro, da “ferida da colonização” à “empreitada decolonial”, do encarceramento à liberdade.

O trabalho *Dualismo pulsional e a constituição do Eu: intrincações teóricas*, de autoria de Luciene Menegaz Beckenkamp, qualifica o leitor, ao convidá-lo para um exercício intelectual e para uma “expansão” do seu fazer/entender analítico. Exigente e ao mesmo tempo didático, nos termos de Vygotsky, com seu conceito de “zona de desenvolvimento proximal”, o texto vai expandindo o que o leitor tem potencial de alcançar, a partir dos textos fundantes de Freud, Green, Roussillon e Rosenberg. É um trabalho rico em referências, oferecidas, em muitos momentos, “digeridas”, para leitores de vários níveis de letramento no assunto. O conceito de pulsão de morte (bem como o de pulsão de vida) alcança compreensão e uma participação significativa na constituição, e até mesmo garantia, do eu, intrincado com o conceito de masoquismo erógeno primário, além de contornos identificáveis e promissores na prática analítica, quem sabe favorecendo a “ligação” do leitor ao tema. Além das intrincações teóricas bastante amplas e consistentes, a constância da autora, ao lado dos leitores, proporciona uma grata experiência de crescimento, com acolhimento para o “não-saber” rumo a um possível saber/criar.

Na conferência intitulada *O nascimento do Eu desempoderado*, Marion Minerbo desenvolve seu conceito a partir da clínica das depressões. A autora diferencia três tipos de estados depressivos, um deles o que caracteriza a constituição do Eu-desempoderado. A conferência está dividida em quatro

partes. Inicialmente, ela traz mais detalhes sobre a clínica. Na segunda parte, Marion dá voz à criança no adulto, ou seja, supõe como poderia ter sido aquela paciente adulta, quando criança. Na terceira parte, são desenvolvidos conceitos teóricos articulados com a clínica. Por fim, na quarta parte, a autora reúne a abordagem clínica com pacientes que apresentam o funcionamento descrito pelo Eu-desempoderado, com os aspectos transferenciais e contratransferências de uma relação intersubjetiva marcada pela co-dependência.

Lisiane Milman Cervo comenta de forma sensível e com respaldo teórico o trabalho de Marion Minerbo. A autora discorre sobre o conceito do Eu-desempoderado, fazendo a associação com a contraparte dessa expressão, que está muito presente nos dias atuais, ou seja, o empoderamento. Traz autores como Laplanche, Bollas e Raquel Z. Goldstein para embasar seus comentários, assim como a obra “Enclausurado” de Ian Mc Ewan, propondo um estado de enclausuramento na paciente citada por Marion, estado este que impede o nascimento do Eu.

No trabalho *Algumas observações sobre as origens do ego e seus ideais*, Marco Aurélio Crespo Albuquerque brinda-nos com uma excelente revisão de conceitos acerca do Eu, Ego, Self, passando por Winnicott para abordar o Verdadeiro Eu, assim como transita por caminhos psicanalíticos para pensar a origem dos ideais, como algo que se passa no Interior do Self. Revisa Freud no seu trabalho sobre o Narcisismo e finaliza debatendo o lugar, papel do psicanalista, diante daqueles pacientes que buscam refúgios nas ilusões e nos ideais.

No trabalho *Ser irmão é ser o quê? Um estudo sobre o complexo fraterno e a constituição do Eu*, a autora Paula Esteves Daudt Sarmiento Leite apresenta, a partir da temática deste complexo, uma visão do vértice estruturante e traumático do psiquismo. Um tema pouco abordado, mas que na visão dos renomados René Kaës e Kancyper apresenta, segundo a autora, dimensões narcísicas, edípicas, finalizando com a problemática da perda de um irmão e ilustrando tais consequências com a obra de José A. Carrascoza.

René Roussillon, em sua brilhante conferência, discorre sobre o nascimento do sujeito, como resultado de um processo de subjetivação sem fim. Partindo do referencial freudiano e fortemente amparado em Winnicott, Roussillon menciona as várias etapas que levam à descoberta do sujeito. Inicia pelo momento em que o ser humano se *sente ser*, por tratar-se de algo em nível da sensação e do sentir, mesmo sem uma consciência plena, ainda que juntamente com isso ocorram esboços relacionais que marcam o seu sentimento de ser. Roussillon desenvolve sua ideia, em uma progressão e complexificação, com um enriquecimento da sensação de *ser*. Na clínica das formas complexas e precoces de simbolização, chamada de *simbolização primária* não há sujeito nem objeto,

existe um “isso”, uma forma e um movimento, por onde precisamos escutar e identificar.

Como apresentação de René Roussillon, Astrid Ribeiro tem a difícil missão de escrever *Dialogando com Roussillon*. Parte de uma intimidade com o pensamento de René Roussillon, aprofundado na leitura de seus livros e no acompanhamento das ideias do autor. Astrid descreve os novos arranjos na clínica em função das demandas da pandemia e como a evolução do conceito de transferência clássica para Transferência Paradoxal serve como instrumento que amplia as condições de trabalho do analista. Ilustra ainda seu texto com um caso clínico que representa a *dialética da presença-ausência*, fornecendo um sentido ao traumático não simbolizado.

No trabalho *O som da alma: a constituição psíquica embalada pela voz materna*, das autoras Vlândia Zenkner Schmidt e Aline Santos e Silva, de forma brilhante e poética, as autoras brindam-nos com um artigo que versa sobre os múltiplos encontros e desencontros, claridades e obscuridades, harmonias e desarmonias da constituição do vínculo entre Mãe e seu Bebê. A bibliografia é farta, de ótima qualidade, destacando-se o saudoso Victor Guerra.

A entrevista de Marion Minerbo oferece-nos um toque do acolhimento/*holding* que encontramos em seus livros, oficinas, congressos, enfim, nos encontros humanos em que se envolve. Com um “cafezinho” e com muito *diálogo* sobre psicanálise, literatura, escrita e um livre pensar, Marion aquece a escuta analítica, com muita proximidade entre ela e o leitor, e entre o leitor e os conceitos clássicos ou atuais da psicanálise. Sentam-se para o diálogo psicanalítico Klein, Bion, Roussillon, Fábio Herrmann, Pontalis, os próprios leitores, pacientes, estudantes, e quem souber apreciar esse convite. Nessa entrevista, o diálogo remete a uma conversa de Marion com a “estudante de medicina e de psicanálise” que segue viva nela, que não cala, e faz a escuta analítica ser sorvida como “*um bom blend entre ciência e arte, competência e criatividade, rigor e liberdade, amor à arte e pensamento crítico*”, nas suas palavras.

Analía Wald, em seu brilhante artigo: *Saída da Pandemia. Trauma Atual. Adolescência*, nos alerta para o fato de que são os adolescentes aqueles que mais rapidamente mostram a dificuldade e o mal-estar em cada época. Através de alguns casos clínicos, são exemplificadas as singularidades dos efeitos traumáticos do isolamento social, naquela fase em que a sociabilidade é o movimento mais importante para o sujeito que está saindo da infância e onde o traumático já faz parte do contexto, mesmo sem o acréscimo de um fenômeno pandêmico da magnitude deste que o mundo vivenciou em 2020-21.

A tradução do trabalho de Didier Anzieu *Transferência paradoxal: da comunicação paradoxal à reação terapêutica negativa*, realizada por Augusta

Gerchmann e Camila Reinert permite-nos o acesso a esse belo texto. Mensagens paradoxais emitidas por pais, professores e outras figuras de autoridade (quem sabe mesmo analistas) demandam trabalho por parte do receptor, levado a saídas dolorosas. Anzieu amplifica a comunicação sobre os paradoxos nos vínculos, por um lado geradores de um “equipamento/aparelho” psíquico mais capaz, ou, por outro, causadores de experiências traumáticas, tipo *double bind*, num ciclo vicioso, de acordo com a frequência, ou “constância”, e do grau de maturidade dos envolvidos. E é também generoso o trabalho do autor de dar *vida* ao difícil manejo da *transferência e da contratransferência paradoxal*, manifestações de uma selvagem pulsão de *morte*, experimentando uma metacomunicação, para além do seu vasto repertório clássico, reconhecida e cotidianamente insuficiente com pacientes sofredores de importantes déficits narcísicos, ou que não amadureceram um “eu pele”, em suas palavras.

Nesta edição contamos também com a resenha do *Dicionário de psicanálise de casal e família* realizada por Gley P. Costa (SBPdePA). Trata-se de uma obra organizada por Ruth Blay Levisky, Maria Luiza Dias e David Léo Levisky, composta por 119 verbetes que incluem o conceito, a etimologia, a evolução histórica do conceito e as referências bibliográficas dos termos. Esse importante livro foi elaborado por 45 experientes psicanalistas de casal e família.

Agradecemos aos autores pela generosidade em dividir suas ideias conosco.
Boa leitura a todos!

Sandra Gehling Bertoldi
Editora

Comissão Editorial:
Catherine Lapolli
Maria Isabel Ribas Pacheco
Patricia Rivoire Menelli Goldfeld
Roberto Ossig de Vasconcelos
Rodrigo Valmor Mendonça Boettcher
Susana Magalhães Beck